

Aspectos Socioeconômicos da Viticultura no Vale do Submédio São Francisco

José Lincon Pinheiro Araújo

Pedro Carlos Gama da Silva

Rebert Coelho Correia

A cultura da videira reveste-se de especial importância econômica e social, na medida em que envolve um grande volume anual de negócios voltados para os mercados interno e externo, e destaca-se entre as culturas irrigadas do Vale do Submédio São Francisco, localizada nos sertões pernambucano e baiano, como a que apresenta o maior coeficiente de geração de empregos diretos e indiretos.

Muito embora a Região Sul do Brasil apresenta-se como a maior produtora de uva do País, a uva que produz destina-se, principalmente, à produção de vinho, enquanto nas regiões Sudeste e Nordeste predominam a produção de uvas de mesa.

A viticultura na região semiárida, em particular no Vale do Submédio São Francisco, favorecida pela potencialidade dos recursos naturais e pelos investimentos públicos e privados nos projetos de irrigação, destaca-se no cenário nacional, não apenas pela expansão da área cultivada e do volume de produção, mas principalmente pelos altos rendimentos alcançados e na qualidade da uva produzida. Seguindo as tendências de consumo do mercado mundial de suprimento de frutas frescas, a região especializa-se, atualmente, na produção de uvas sem sementes, assim como para a adoção de normas de controle de segurança de alimentos, conforme sistemas definidos pelas legislações nacional e internacional.

O Vale do Submédio São Francisco é, atualmente, um dos principais polos de produção e o maior de exportação de uva de mesa do País, com uma área plantada superior a 10 mil ha, concentrados principalmente nos municípios pernambucanos de Petrolina, Lagoa Grande e Santa Maria da Boa Vista e nos municípios baianos de Juazeiro, Casa Nova e Sento Sé. Deste total, aproximadamente 60 % dos cultivos são de uvas apirênicas, onde predomina a variedade Festival Seedless, seguida pela Thompson Seedless e Crimson Seedless. Entre as uvas com sementes, as variedades mais plantadas são Itália, Benitaka, Red Globe, Brasil e a mutação

denominada de “Itália Melhorada”. São cultivos de alta tecnologia e grandes consumidores de capital, situação que exige que o produtor, além de uma alta produtividade física, obtenha também uma adequada rentabilidade econômica.

A uva de mesa da região em análise é explorada tanto pelo segmento da agricultura empresarial, representada pelas grandes, médias e pequenas empresas agrícolas localizadas nos diversos perímetros públicos de irrigação ou nas margens do Rio São Francisco, como pelos produtores familiares, assentados nas áreas de colonização destes mesmos perímetros irrigados. A maioria das grandes empresas, além de comercializar o produto no mercado interno, atua também como organizações exportadoras, enviando a uva para os grandes mercados internacionais, principalmente para a União Europeia e, em menor escala, para os Estados Unidos. Estas empresas, além de comercializar sua própria produção, também enviam para os principais centros de comercialização do País e para o mercado externo, através de suas marcas, uvas provenientes de empresas de menor porte, dos produtores familiares, por exemplo.

No cenário do agronegócio nacional, o Vale do Submédio São Francisco destaca-se por desenvolver os cultivos mais tecnificados de uva de mesa do país e por responder por mais de 98 % das exportações brasileira dessa fruta. Em documento publicado pelo Ministério da Agricultura e do Abastecimento (BRASIL, 1997), a videira cultivada no Nordeste aparece como aquela que proporciona a maior geração de empregos entre as diversas culturas perenes e anuais, atingindo mais de 5,0 empregos/ha/ano. Entretanto, as evidências empíricas indicam uma forte redução do número de trabalhadores necessários para condução do cultivo da uva na região para 2,5 empregos/ha/ano diretos e 5,0 indiretos. Em função das mudanças da base técnica de produção, com a adoção de sistemas automatizados de irrigação, novas técnicas de manejo cultural, novos métodos de organização do trabalho, aliadas às estratégias de escalonamento da produção, é possível uma melhor otimização do uso da mão-de-obra.

É interessante assinalar que esta exploração absorve um grande contingente de mão-de-obra feminina, principalmente nas operações de pinicado, raleio dos frutos, colheita e embalagem. Outro dado que reflete bem a importância da viticultura neste polo de produção, já que a uva é a exploração que apresenta a segunda maior área cultivada, são os 160.000 m² instalados de *packing houses* e os 70.000 m³ de capacidade frigorífica para estocagem das frutas.

Cada vez mais estão sendo levados em consideração na produção de frutas os novos requerimentos dos mercados. Estes requerimentos impõem um novo conteúdo de qualidade dos alimentos, incorporando as preocupações dos consumidores com a segurança dos alimentos e as exigências para certificação do produto, levando em consideração o local de produção e os aspectos ambientais e sociais. Nesse sentido, há uma tendência para o crescimento da produção de uva certificada, pela adoção da Produção Integrada ou mesmo da produção orgânica.

No caso da Produção Integrada, este sistema de cultivo da uva de mesa corresponde a um conjunto de técnicas voltadas à produção de alimentos de alta qualidade, utilizando-se técnicas de manejo das culturas que assegurem a manutenção dos mecanismos de regulação natural da cultura e das pragas. Visa à garantia de uso mínimo de produtos agroquímicos nas frutas e que os produtos permitidos sejam os menos prejudiciais ao homem e ao meio ambiente. Essas práticas culturais, por limitarem o uso de energia e de insumos, permitem reduzir o custo de produção, entretanto, são as condições de mercado, que demandam frutas com menor intervenção de agroquímicos, que estimulam a mudança da oferta frutícola. O Programa PI Uva no Vale do Submédio São Francisco, no momento, está implantado em cerca de 4.000 ha, tendo amplo potencial de crescimento, considerando as vantagens competitivas com a implantação do sistema. Além do acompanhamento técnico, o programa consiste de auditorias através de empresas independentes credenciadas pelo Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (INMETRO), visando à expedição do "Selo de Conformidade da Produção Integrada de Uvas Finas de Mesa". Os procedimentos para Avaliação da Conformidade e as condições necessárias para o ingresso estão publicadas no Regulamento de Avaliação da Conformidade (RAC) da PIF (INMETRO, 2003a).

Adicionalmente, a produção voltada para um mercado de uvas sem sementes de qualidade passa a exigir, cada vez mais a utilização de novas tecnologias, mão-de-obra qualificada e serviços especializados, tanto no processo produtivo, quanto nas atividades pós-colheita. As exigências atuais das cadeias de abastecimento de uvas finas de mesa de qualidade, baseadas em novas convenções de mercado constituem uma ameaça aos sistemas produtivos convencionais praticados pela maioria dos produtores da região. A capacidade de adotar as novas normas e convenções relativas à qualidade se converte numa ferramenta fundamental para alcançar um lugar privilegiado nos mercados, pois o controle e a certificação dos processos produtivos prevalecerão como fatores diferenciais na concorrência.

São tais exigências que passarão a arbitrar entre aqueles que estarão incluídos ou excluídos do exigente mercado de suprimento de uvas finas de mesa. Nesse contexto, também emerge um contingente de pequenos e médios viticultores profissionalizados que, além de cumprirem uma função social importante, passaram a cumprir um papel no abastecimento do mercado doméstico e a explorar espaços no mercado externo.

Convém ressaltar a especificidade da viticultura na região semiárida do Nordeste em virtude da adaptação e do comportamento diferenciado das plantas nessas condições climáticas. Os processos fisiológicos das plantas são acelerados, a propagação é muito rápida e em cerca de um ano e meio, após o plantio, inicia-se a primeira safra. Considerando que o ciclo de produção oscila em torno de 120 dias, pode-se obter até duas safras e meia por ano, mediante o manejo da irrigação e a realização de podas programadas. Isto oferece a oportunidade de produção durante todo o ano, o que pode resultar em produtividade da ordem de 40 t/ha/ano, bem acima das obtidas nas demais regiões produtoras brasileiras. Por outro lado, também permite programar a colheita dos frutos para períodos de preços mais elevados, o que possibilita à viticultura menor grau relativo de incerteza e maior rentabilidade econômica.